



A identidade do gaúcho frente ao paradigma da comunicação não violenta

Sandra Barbosa Parzianello¹

Sandra Micheli Greff²

Resumo: O artigo trata da identidade sociocultural do gaúcho do Pampa sob o paradigma da Comunicação Não Violenta (CNV). O estudo parte de percepções culturais e históricas acerca do gaúcho para refletir sobre discursos circulantes regionais que concorrem na constituição da identidade regional do homem do pampa, região meso sul do Estado do Rio Grande do Sul. A pesquisa documental e bibliográfica na qual se baseia este estudo ancora a busca por uma percepção em torno de discursos que se apresentam neste cenário regional a ponto de permitir perceber como a identidade cultural interfere nas formas de comunicação que perpassam gerações. A pesquisa, de caráter qualitativo e sob o enfoque teórico e metodológico de teorias do discurso, da antropologia e da sociologia, conclui sobre a identidade do homem do pampa na tradição histórica, política, social e cultural e quanto a sua relação com as práticas comunicativas que ainda resistem nessa sociedade, especialmente de fronteira, cujos traços da cultura não parecem acolher o novo paradigma da Comunicação Não Violenta (CNV).

Palavras-chave: Identidade; Gaúcho; Pampa; Discurso; Comunicação Não Violenta.

The identity of gaucho regarding the non-violent communication's paradigm

Abstract: The article deals with the sociocultural identity of the “gaúcho do Pampa” under the paradigm of Non-Violent Communication (NVC). The study starts from cultural and historical perceptions about the ‘gaucho’ to reflect on circulating regional discourses that compete in the constitution of the regional identity of the “pampa” man, in the mid-south region of the state of Rio Grande do Sul (South Brazil). The documentary and bibliographic research on which this study is based anchors the search for a perception around discourses that are presented in this regional scenario to the point of allowing us to perceive how

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência Política na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), atualmente é docente do curso de Pós-graduação em Mídia e Educação pela UAB/Unipampa. Possui graduação em Comunicação Social - Habilitação Jornalismo (2005) e especialização em Docência do Ensino Superior pela União Educacional de Cascavel - PR (2006). - sandrapar@yahoo.com

² Advogada, especialista em Práticas de Comunicação Não Violenta e Cultura de Paz e Mestranda pela Universidade Federal do Pampa (Unipampa). - sandrapar@yahoo.com

cultural identity interferes in the forms of communication that cross generations. The research, of a qualitative nature and under the theoretical and methodological approach of theories of discourse, anthropology and sociology, concludes on the identity of the pampa man in the historical, political, social and cultural tradition and on its relationship with communicative practices, what still resist in this society, especially on the frontier, whose cultural traits do not seem to welcome the new paradigm of Non-Violent Communication (NVC).

Keywords: Identity; “Gaúcho”; Pampa; Speech; Nonviolent Communication.

La identidad del gaúcho frente al paradigma de la comunicación no violenta

Resumen: El artículo aborda la identidad sociocultural del gaúcho pampeano bajo el paradigma de la Comunicación No Violenta (CNV). El estudio parte de percepciones culturales e históricas sobre el gaúcho para reflexionar sobre discursos regionales que compiten en la constitución de la identidad regional del hombre de la pampa, en la región meso-sur del Estado de Rio Grande do Sul. La investigación documental y bibliográfica en la que se basa este estudio ancla la búsqueda de una percepción en torno a los discursos que aparecen en este escenario regional al punto de permitirnos percibir cómo la identidad cultural interfiere en las formas de comunicación que permean generaciones. La investigación, de carácter cualitativo y bajo el enfoque teórico y metodológico de las teorías del discurso, la antropología y la sociología, concluye sobre la identidad del hombre de la pampa en la tradición histórica, política, social y cultural y sobre su relación con lo comunicativo. prácticas que aún resisten en esta sociedad, especialmente en la frontera, cuyos rasgos culturales no parecen abrazar el nuevo paradigma de la Comunicación No Violenta (CNV).

Palabras llave: Identidad; gaúcho; pampa; Discurso; Comunicación No Violenta.

Introdução

A identidade do gaúcho do pampa, sob o paradigma da Comunicação Não Violenta (CNV), é o foco deste artigo. A intenção é apresentar a reafirmação do determinismo do homem gaúcho por sua valentia e braveza na contramão do diálogo e de uma cultura de paz e não determinada pela força. Através da percepção acerca do discurso regional circulante que ainda hoje destaca a violência enquanto uma virtude ao homem do campo no Sul do Brasil, como o fez ao longo da história secular do Rio Grande do Sul, espera-se

poder estabelecer comparativos e enfrentamentos com o paradigma contemporâneo que apregoa uma necessária busca de negação desse valor em favor da não violência.

A formação discursiva que se constituiu no imaginário social gaúcho do pampa do Rio Grande do Sul nos domínios da linguagem ao longo do tempo e sua relação com o paradigma contemporâneo de uma comunicação social fundada na dialogia e na compreensão, vigente na contemporaneidade, são reflexões que o artigo se propõe levantar.

Para realização deste estudo buscou-se saber, em perspectiva sócio discursiva e cultural, se existem marcas contrárias a uma Comunicação Não Violenta (CNV) na constituição desta identidade, sabidamente estabelecida na perspectiva de seu reconhecimento de uma violência comunicacional presente na tradição identitária do homem da pampa enquanto sujeito valente, destemido, e cujos conflitos ele resolve na determinação da persuasão pelo emprego de diferentes formas de violência.

A pesquisa realizada, de metodologia qualitativa, permitiu a análise bibliográfica ancorada em percepções da realidade vivida, levando a que se pudessem alcançar produções de sentido sobre dizeres circulantes na cultura e na tradição gaúchas, entendidas como discursos e aqui problematizadas na perspectiva de um modelo comunicacional em que sujeitos exponham violências sofridas em situações comunicacionais e busquem a resolução de seus conflitos pela negação do emprego da violência.

Para apresentar a conceituação acadêmica sobre cultura e discurso, recorreu-se a um referencial teórico que serviu, significativamente, à construção das hipóteses até então aqui estabelecidas. Apoiaram-se as hipóteses em trabalhos acadêmicos e científicos que trataram de modos transversos questões identitárias, regionais, do discurso e da cultura.

O objeto da pesquisa sabe-se que por qualquer que seja a ciência na qual se ache investigado, ele se encontra de acordo sempre com o tempo histórico e com os interesses da sociedade em que ela se institucionaliza, sobretudo, via alguma estrutura dominante. Nesse sentido, é necessário destacar a pesquisa da cultura do gaúcho e a relação com a Comunicação Não Violenta (CNV) com vistas a esse novo paradigma que se vem promovendo em instituições e via estudos em âmbito acadêmico, já de larga aplicação no sistema judiciário, com a justiça restaurativa e nas mais diversas intervenções sociais de mediação em torno de conflitos familiares e de pequenas comunidades por todo o Brasil e vários países do mundo, a partir do Canadá e dos Estados Unidos, desde a década de 1970.

O presente texto traça considerações sobre o discurso e a cultura do gaúcho; desenvolve um indicativo de possível análise do discurso circulante no Pampa,

estabelecendo relações entre o paradigma da Comunicação Não Violenta (CNV) e o objeto da presente investigação, para só então chegar à questão da identidade do gaúcho por uma dimensão crítica contemporânea e atualizada, necessariamente provocativa.

2 Fundamentação Teórica

2.1 Considerações sobre cultura e discurso

“O discurso da cultura nacional não é assim, tão moderno como aparenta ser. Ele constrói identidades que são colocadas, de modo ambíguo, entre o passado e o futuro.” (HALL, 2006, p. 56).

Cultura é um conceito que precisa ser entendido a partir de um sentido complexo e plural, primeiro porque a cultura é única, e, segundo, pela relevância mesma da sua diversidade. Quando se analisa a cultura pela ótica da oposição, ou seja, da exclusividade e ao mesmo tempo da diversidade, se tem a impressão de que ambos os conceitos estão desconectados. Porém, esta é uma ideia equivocada na concepção de Laraia (2009), pois essas categorias se cruzam e constroem o discurso³ que conhecemos hoje.

A visão de cultura pode ser pensada enquanto herança genética pelo processo evolutivo como um meio de adaptação a diferentes ambientes ecológicos. O processo de aprendizagem da cultura pode ser compreendido enquanto um método cumulativo, resultante de toda experiência histórica das gerações anteriores (LARAIA, 2009).

Nesse texto, toma-se como base a cultura do gaúcho do pampa e os discursos formadores de suas tradições em suas formas circulantes facilmente reconhecíveis nessa realidade regional. Temos que cada geração modifica as tradições de acordo com a época e a circunstância de seu tempo. Da mesma forma, Laraia (2009) revela que a cultura do homem é ligada a seus costumes e que tais costumes são singulares. Por esse estudo teórico-bibliográfico, oportunizamos analisar a cultura do gaúcho e a sua relação com os conflitos que a determinam ou ameaçam.

A presente pesquisa compreende uma análise qualitativa sobre a realidade a partir de dados coletados na observação empírica sensível, o que nos possibilita uma aproximação com fatos da realidade na busca por um entendimento sobre a posição do

³ Referimo-nos ao “discurso” como um sistema de entidades diferenciais, isto é, de momentos. (LACLAU; MOUFFE, 2015, p. 186).

sujeito que, nessa cultura, interage e se comunica. Metodologicamente, assumimos que “a pesquisa qualitativa preocupa-se (...) com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 32).

A pesquisa qualitativa permite que a percepção sobre os discursos, no que tange às práticas existentes da cultura do gaúcho, ocorre em consonância com a constituição histórica, a pensar que a comunicação é um processo social primário, fazendo parte do chamado conhecimento comum, ou seja, a comunicação com seus semelhantes ocorre de maneira espontânea (RÜDIGER, 2011, p. 34). Temos que os sujeitos são o resultado das significações, das práticas que se articulam e se revelam a partir das formações discursivas e das marcas que constituem suas identidades.

Analisando a comunicação como instrumento da vida sistêmica, e tal como a linguagem, percebe-se que a mesma constitui o que se é a cada momento, em cada contingência, ainda que sob a exposição de precariedades que desestabilizam os sujeitos e que permitem novas possibilidades de significação sobre si. Essa condição de existência que a cultura adquire, é possível graças ao conceito de “deslocamento” (LACLAU, 1990; HALL, 2006) e de suas características positivas no sentido de explicar as articulações que consistem na construção discursiva sobre algo que fixa sentido, ainda que, em ampla maioria, sentidos parciais e sob a possibilidade da abertura do social.

Nas palavras de Demo (1985, p. 44), a pesquisa científica supõe dose acentuada de autocrítica e é uma “conquista árdua, é modéstia convicta, é sabedoria profunda”. Portanto, quando trabalhamos sob uma hipótese, os posicionamentos básicos que admitimos de modo geral válidos, orientam a conduta na pesquisa e a construção científica ao tempo que são questionados, ainda que façam parte de uma “tradição forte” (DEMO, 1985, p. 52).

Por esse entendimento, o estudo busca perceber discursos valorativos sobre virtudes do gaúcho e que se apresentam no cenário regional a ponto de que isso possa permitir analisar como a identidade cultural interfere nas formas de comunicação que perpassam gerações. Por fim, busca-se a reflexão sobre a identidade do homem do pampa na tradição histórica, política, social e cultural e sua relação com as práticas comunicativas que ainda resistem nessa sociedade, especialmente de fronteira, cujos traços da cultura não parecem se adaptar ao paradigma da nova Comunicação Não Violenta (CNV) por se revelar mais fortemente apegada às tradições e ao seu passado histórico, ressaltadas as virtudes de seus povos e qualidades como coragem destemida, valentia e, sobretudo, a força.

2.2 Sentidos sobre a CNV e a cultura

Faz-se necessário reconhecer a contingência e a possibilidade de se estabelecer um debate sobre a violência. Para tanto, procedemos a um estudo sobre o conceito da Comunicação Não-Violenta (CNV)⁴, desenvolvido pelo psicólogo norte-americano, Marshall Rosenberg (2006), e os desafios que este paradigma oferece a esta cultura, em particular.

O conceito de cultura se mostra intrinsecamente ligado a uma ideia de exclusividade. Laraia (2009, p.44), afirma que a cultura é única e que o homem é o “resultado do meio cultural em que foi socializado”, dado que a cultura é um processo cumulativo que reflete as experiências adquiridas pelas gerações que lhes antecederam. De fato, a cultura do gaúcho do pampa é reconhecida quando se menciona seu nome e ela perpassa gerações enquanto marca constitutiva.

A partir da articulação⁵ de referências como essa, se auto definem os sujeitos como gaúchos, paulistas ou cariocas, conforme o sentido de pertencimento e independentemente de qualquer localização geográfica. “No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem uma das principais fontes de identidade cultural” (HALL, 2006, p.47). A questão da identidade não somente está impressa em nossos genes, como também pensamos nela como uma parte de nossa essência, ou seja, a identidade é formada e transformada no interior da representação em um conjunto de significados e num sistema de representação cultural. Stuart Hall (2006) entende que mesmo na condição do homem enquanto indivíduo ele haja de forma autônoma, ele se identifica como sendo parte de algo mais amplo, enquanto um membro da sociedade.

Os resquícios de um grupo homogêneo (como o dos gaúchos) permanecem ao longo do tempo. Baquero e Prá (2007) ponderam sobre uma estrutura de poder montada em função da militarização da sociedade rio-grandense, bem como na identificação do estancieiro⁶ como representante típico do gaúcho do pampa. Tal estruturação auxiliou a

⁴ A CNV se baseia em habilidades de linguagem e comunicação que fortalecem a capacidade de continuarmos humanos, mesmo em condições adversas. (ROSENBERG, 2006, p.21).

⁵ “(...) qualquer prática que estabeleça uma relação entre elementos de tal modo que a sua identidade seja modificada como um resultado da prática articulatória.” (LACLAU; MOUFFE, 2015, p. 178).

⁶ “(...) grandes proprietários fundiários criadores de gado do Rio Grande do Sul, cujos domínios se convencionou chamar de estâncias e de estancieiros seus senhores.” (PICCIN, 2012, p. 21).

formação de uma sociedade excludente, enquanto espaços de participação política, social e econômica, os quais se mostravam bastante limitados.

Martins (2011, pp.113-114) menciona que, para os gaúchos campeiros (do Pampa), o desenvolvimento está ligado ao espaço. Conforme o autor, a ideia de pertencimento é fundamental para se compreender a forma que os gaúchos campeiros identificam seu território e destaca dois pontos: “o primeiro volta-se para os aspectos familiares” nesse aspecto há o destaque de fixação do território passada de geração em geração, e o segundo ponto diz respeito “ao sentimento de orgulho em pertencer ao território”.

Pelo exposto, podemos compor um quadro sobre o entendimento de que a constituição cultural da identidade do gaúcho pode ocorrer a partir de alguns desses conceitos. Hall destaca a identidade constituída a partir do indivíduo que se identifica como parte de um todo (algo mais amplo). Já Laraia, por sua vez, considera que o homem é resultado do meio cultural em que foi socializado; enquanto para Martins, a ideia de pertencimento a um território é como uma forma de constituição de identidade. Assim, a construção da identidade envolve diversos fatores que formarão o indivíduo.

Hall (2006, p.50) destaca que “uma cultura nacional é um *discurso*”. São os discursos que podem nos identificar e que constroem identidades. Nesse sentido, “memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas” responderam por essa sua construção. As culturas, nessa perspectiva, são focos de identificação e representação, sendo nelas produzidos discursos simbólicos que constituem a identidade.

A constituição de qualquer cultura é baseada na comunicação que se desenvolve a partir dela. Rüdiger (2011, p.34) menciona a comunicação como processo social primário, fazendo parte do conhecimento comum, isso porque “as pessoas se comunicam e se entendem com as demais em termos que parecem dispensar explicação”. A comunicação é parte do ser social do homem, porque leva em consideração o princípio da sociabilidade⁷.

Bauman (2012) refere que sociedade e cultura, assim como a linguagem, mantêm sua identidade, mas ela nunca é a mesma. Ela é marcada por dois ingredientes: a durabilidade, que consiste na sua preservação e a distinção, que une pertencentes à mesma identidade por sucessivas gerações.

⁷ Rüdiger (2011) coloca que o princípio da sociabilidade é um processo com fundamentos históricos e culturais determinados. Para que exista a comunicação é necessário levar em consideração as várias determinações que o homem cria coletivamente com seu semelhante.

Necessário considerar que quando determinada cultura perpassa gerações através da comunicação, isso ocorre porque a comunicação não necessita do contato direto entre as pessoas e porque ela estabelece uma rede que gera seu próprio tempo e espaço, pois a comunicação é uma evolução social, fazendo parte do ser social do homem (Rüdiger, 2011).

O social inclui a preocupação sobre como esse homem se relaciona com os seus na vida cotidiana, pelo que se inscreve o problema específico da violência e de uma comunicação interpessoal sobremaneira marcada por ela.

Em relação ao gaúcho do pampa, o legado histórico torna ainda mais evidente a discussão sobre o problema da violência, pois, conforme Luvizotto (2009, p.23) a palavra gaúcho (desde a sua constituição), como o homem livre dos campos, foi aplicada inicialmente para definir um tipo de “homem arredio, o nômade do pampa, muitas vezes um desertor desobediente da lei e da ordem, que cavalgava sem rumo em uma área vastíssima sempre atrás de gado manso e de cavalos”. Denota-se o gaúcho possuindo relação direta com o conflito, em lutas por território (arredio, desobediente, valente), sobretudo, nas regiões de fronteira e com a racionalização de sua ocupação na lida campeira.

Uma mistura de tradições e costumes estabelecidos entre diversas gerações que se perpetuaram ao longo do tempo e que constituíram as tradições marcantes e a identidade do povo gaúcho, se pode entender como marcas da cultura regional identitária. Segundo Luvizotto (2009), a complexidade de sua origem histórico-cultural o torna um grupo diferente dos demais brasileiros.

Dizemos complexa porque conforme Luvizotto (2009, p. 24) “os gaúchos originam-se da transfiguração étnica das populações mestiças de varões espanhóis e lusitanos com mulheres guaranis. Eram homens fortes, caçadores, que tinham no gado selvagem sua subsistência e a base econômica de sua sociedade”.

A identidade social do gaúcho está associada à ideia de um cavaleiro, peão de estância da região sudoeste do Rio grande do Sul, construindo historicamente sua identidade social, evocando um passado glorioso, marcado pela lida campeira e bravura ao enfrentar os inimigos e as forças da natureza. Oliven (2006, p.142) remonta ao fato de que “tradicionalmente, o gaúcho é um tipo social único” composto por diversas etnias como índios, portugueses, negros, alemães e italianos, entretanto, com essa mistura, ele forma um “grupo étnico com características homogêneas transmitidas genética e culturalmente”,

ou seja, filhos de gaúchos seriam gaúchos, mesmo nascendo fora do estado. A territorialidade não seria, portanto, a única base de identidade. A ideia de pertencimento parece mais forte que ela própria.

O gaúcho é legatário também pela forma como se constituiu a formação política e econômica do pampa. Muller (2007, p.15) argumenta que qualquer situação política e econômica é conflituosa, mesmo se a coexistência entre os homens tornar-se pacífica, seus conflitos continuarão existindo. Isso ocorre uma vez que existimos na relação com o outro, sendo dessa relação, a origem de nossa herança. Entretanto, é necessário, romper com a violência legitimada pela cultura como se fosse uma virtude de homem ser forte, sendo um fato “negar a dificuldade em recusar a tradição que nos foi legada como herança sagrada”.

No entanto, afirmar que a tradição do gaúcho possui discursos de violência, não significa que esta tradição seja ainda hoje baseada na violência. O que ocorre é a negação da discussão sobre a não-violência. Muller (2007) demonstra que as tradições mesmo não tratando diretamente o discurso da não violência, elas possuem valores. Esses valores trazem duas exigências: ruptura e felicidade. A primeira existe devido aos valores que contradizem a intenção da violência; a segunda, diz respeito à questão de sair da lógica da violência e entrar na dinâmica da não-violência, dessa forma, agindo não-violentemente de forma consciente e enquanto uma escolha, portanto, e não uma determinação dada culturalmente pela tradição da violência como símbolo de virtude e valentia.

Oliven (2006, p.154) destaca que “o modelo que é construído quando se fala nas coisas gaúchas está baseado num passado que teria existido na região pastoril da Campanha no Sudoeste do Rio Grande do Sul e na figura real ou mesmo idealizada do gaúcho.” Destaca também que nesse eixo giram os debates sobre a identidade do gaúcho, sendo uma identidade excludente, que deixa fora grande parte de seus grupos sociais. A título de exemplo, o autor menciona os descendentes de origem alemã e italiana que se desenvolveram no Norte do Estado, e que mesmo tendo grande influência sobre o tipo representativo do Rio Grande do Sul, continua sendo sombreado pela figura do gaúcho da campanha como teria existido no passado.

Nesse sentido:

Se a construção dessa identidade tende a exaltar a figura do gaúcho em detrimento dos descendentes dos colonos alemães e italianos, ela o faz mais excludente ainda em relação ao negro e ao índio que aparecem no nível das representações de uma forma extremamente pálida (OLIVEN, 2006, p. 155).

Portanto, como reconhecer a cultura da violência e iniciar a ruptura da não-violência? Para isso, é necessário compreender que a forma pela qual se pode ser menos violento é justamente através da linguagem e da comunicação. Derrida e Roudinesco (2004, p. 13-14) apresentam um entendimento sobre como podemos desenvolver tal consciência e mencionam que a vida pode ser pensada a partir da herança que carregamos. Após “selecionar, filtrar e interpretar” os costumes repassados, reinterpretar, criticar e intervir ativamente para que se tenha transformação.

2.4 A identidade cultural do gaúcho

A estruturação histórica da identidade do gaúcho reservou espaço ao trabalho na lida campeira, submissão e conflitos na validação do território. A análise da identidade do gaúcho se dá a partir da exclusão e da negação, em detrimento dos demais indivíduos que contribuíram para constituição da cultura e da “invisibilidade social e simbólica” do índio, do negro, e dos descendentes alemães e italianos que contribuíram para constituição da identidade gaúcha (OLIVEN, 2006, p. 157).

A força da identidade do gaúcho é vinculada ao seu território e ao seu sentimento de pertencimento. Martins (2011) realizou uma imersão etnográfica para escrever a sua obra *Vida de Gaúcho Campeiro* e pôde observar, por diversas ocasiões, episódios que confirmaram a identidade gaúcha. Um exemplo disso ocorreu no município de Dom Pedrito, onde ele estava observando indivíduos que residiam no local. O fato que chamou a sua atenção ocorreu com um senhor de “descendência italiana” e discriminação sofrida por ele pelos demais indivíduos da comunidade, pois se dedicava à agricultura e não ao trabalho na lida campeira como a maioria. Este episódio corrobora a alteridade diante do segmento de trabalhador que habita o mesmo tipo de espaço, pois todos os indivíduos naquela situação seriam, em princípio, igualmente “gaúchos” de nascimento, entretanto, a discriminação ocorrida por se dedicar a outro ramo que fosse estranho ao da lida campeira, demonstra o quanto os indivíduos podem estar vinculados a esse pertencimento pelo ofício que realizam, na perspectiva da tradição.

Na visão de Rosenberg (2006), a CNV se refere a uma habilidade de linguagem e comunicação que fortalece a capacidade de continuarmos humanos, mesmo em condições adversas, assumindo dialogicamente as nossas diferenças e contrariedades.

Desde nossa percepção vivida, há características do gaúcho que o tornam um tipo único e sua identidade construída através de heranças as quais se desenvolvem pela lógica da violência, da discriminação e da negação em sociedade.

A sociedade nunca consegue ser idêntica a si mesma, já que todo ponto nodal se constitui no interior de uma intertextualidade que lhe excede. A prática da articulação, portanto, consiste na construção de pontos nodais que fixam sentido parcialmente; e o caráter parcial desta fixação advém da abertura do social, resultante, por sua vez, do constante transbordamento de todo discurso pela infinitude do campo da discursividade. (LACLAU; MOUFFE, 2015, p. 188)⁸. [grifo dos autores].

A busca por dar uma definição última para a identidade do gaúcho torna-se algo impossível, porém, inerente à necessidade humana, o que requer discursivamente estabelecer um sentido único, ou último, conforme Ernesto Laclau chama de “significante vazio”⁹, uma condição discursiva onde temos uma transição de elementos a momentos, por sentidos que nunca se completam.

O discurso histórico permite dizer que não houve tempo e reserva de espaço à não violência porque a figura destemida do gaúcho e a valorização da tradição contribuem para a banalização da violência. De acordo com Muller (2007, p.15) “as tradições que herdamos por terem reservado um amplo e belo espaço à violência, não reservaram praticamente nenhum espaço à não-violência, ignorando-lhe inclusive o nome.” A banalização da violência referenciada pode ser difundida por diversos meios, entretanto, em algum momento ou outro, os valores foram encobertos pela “escória da ideologia da violência” por isso, negados ou renegados.

Certo condicionamento cultural concentra a atenção em lugares improváveis para conseguir desempenhar a comunicação não-violenta. Rosenberg (2006, p. 32), discute a comunicação não-violenta como forma de nos conectarmos uns com os outros, “possibilitando que nossa compaixão natural floresça”. Surge de seu trabalho, a questão desta pesquisa sobre como despertar a compaixão em uma cultura que historicamente apresenta resistência na interação com a sociedade nacional que preza pela manutenção de um grupo homogêneo?

⁸ *Pontos nodais* são pontos discursivos privilegiados de fixação parcial. (LACLAU; MOUFFE, 2015, p. 187).

⁹ “(...) diz respeito à construção de uma identidade popular, uma vez que a presença de uma fronteira estável é dada como certa; (...)”. (LACLAU, 2013, P. 199).

A construção da identidade do gaúcho é esclarecida por Oliven, ao afirmar:

O modelo que é construído quando se fala nas coisas gaúchas está baseado num passado que teria existido na região pastoril da Campanha no sudoeste do Rio Grande do Sul e na figura real ou idealizada do gaúcho. É em torno desse eixo que giram os debates sobre identidade gaúcha. Atualmente, a construção dessa representação recoloca a questão em um novo patamar já que estamos numa época em que tanto o Rio Grande do Sul se urbanizou e modernizou, como o Brasil apresenta uma maior integração política, econômica, de transportes, de meios de comunicação, articulando suas regiões de forma efetiva. (OLIVEN, 2006, p. 154).

A constituição do Rio Grande do Sul ocorreu através do monopólio de terra e rebanho, quando a propriedade privada teve aumento, concentrando o poder econômico a alguns “clãs familiares”, situação econômica intrinsecamente ligada ao poder. As propriedades foram crescendo e se tornando “unidades estancieiras” (MARTINS, 2011, p. 25). Por consequência, a manutenção destas estâncias requer pouca mão-de-obra. Os habitantes do local, então, ficavam responsáveis pela lida, porém, a realidade social resultava aos que sobravam à noção de “vago” ou “gaúcho vago”. (Idem).

A noção de vago, evidencia a “comunicação alienante que classifica e dicotomiza as pessoas e seus atos” (ROSENBERG, 2006, p.38). A construção da imagem do gaúcho, enquanto uma figura vaga, submissa, permite perceber sua característica associada a mecanismos de socialização. Logo, podemos afirmar que o gaúcho é a consequência dos processos discursivos que o constituíram, e que essa constituição ocorreu de forma alienante. Rosenberg (2006) refere que a comunicação alienante tem profundas raízes filosóficas e políticas.

Nesse sentido:

A comunicação alienante da vida tanto se origina de sociedades baseadas na hierarquia ou dominação quanto sustenta essas sociedades. Onde quer que uma grande população se encontre controlada por um número pequeno de indivíduos para o benefício desses últimos, é do interesse dos reis, czares, nobres etc. que as massas sejam educadas de tal forma que a mentalidade delas se torne semelhante à de escravos. A linguagem do "errado", o "deveria" e o "tenho de", é perfeitamente adequada a esse propósito: quanto mais as pessoas forem instruídas a pensar em termos de julgamentos moralizadores que implica que algo é errado ou mau, mais elas serão treinadas a Consultar instâncias exteriores — as autoridades — para saber a definição do que constitui o certo, o errado, o bom e o mau. Quando estamos em contato com nossos sentimentos e necessidades, nós, humanos, deixamos de ser bons escravos e lacaios. (ROSENBERG, 2006, p. 47-48).

A figura do gaúcho sofreu modificações ao longo dos anos, por diversas adaptações identitárias e até integrar o senso comum, entretanto, a característica de ser destemido, bravo e constituidor de antagonismos, prevalece no inconsciente sendo propagadas através das gerações enquanto seu legado histórico. Derrida e Roudinesco (2004), por sua vez, elucidam que o amor pode constituir a experiência de desconstrução e ao mesmo tempo a valorização do que é mais antigo e duradouro.

Muller (2007, p.12) destaca que a cultura é “um conjunto de formas de comportamentos” e ligada à determinada sociedade que acarreta em uma “cultura de violência” a partir do momento em que se cultiva a violência para justificar virtudes dos indivíduos da sociedade. Conforme o autor, se cria a figura do herói, homem honrado, corajoso, onde se arrisca a “defender valores” que dão sentido à vida. Assim como a cultura da violência, a identidade transita por uma construção racional, uma ligada a outra, sobre isso o autor destaca:

A cultura da violência necessita recorrer a uma construção racional que permita aos indivíduos justificar a violência. É aqui que intervém a “ideologia da violência”, cuja função é construir uma representação da violência que não deixa de ver aquilo que ela é na verdade – desumana e escandalosa. Visa ocultar aquilo que a violência tem de irracional e de inaceitável valendo-se de uma representação racional aceitável. A finalidade é dissimular a realidade escandalosa da violência por meio de uma representação que a valorize positivamente. O objetivo almejado – e na maioria das vezes alcançado – é a banalização da violência. Em vez de ser banida – declarada à margem da lei –, a violência é banalizada – declarada em conformidade com a lei. Por conseguinte, nenhum freio intelectual irá se opor ao emprego da violência. (MULLER, 2007, p. 13).

Os discursos violentos que se formaram à figura do gaúcho, possibilitam um julgamento que estimula a violência. Rosenberg (2006, p. 235) refere que “passado adiante através de gerações, até de séculos, muito desse aprendizado cultural destrutivo está tão enraizado em nossa vida que nem temos mais consciência dele.” Assim como Carbonai e Valença (2015, p. 29) consideram “a cultura do gaúcho em áreas como a estrutura política, impactada pelo coronelismo implementado do pampa”. Dessa forma, uma sociedade voltada ao conflito adquire resistência a formas de aplicação técnicas que possibilitam uma cultura de paz.

Conforme Hall (2006), o discurso de uma cultura é ambíguo entre o passado e o futuro, isso significa que não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça; uma cultura nacional busca unificá-los em uma identidade

cultural porque além de ser uma forma de união simbólica é também uma estrutura de poder cultural. Denota-se que a estrutura de poder cultural construída através do caráter inconsciente está incorporada ao gaúcho.

Oliven (2006, p. 65), destaca que foi um conjunto de elementos e um clima de adversidades enfrentadas, assim como a necessidade de dominar a natureza, as fronteiras e por rebelar-se contra o governo central, que ajudaram a explicar um “caráter fogoso que teria se incorporado ao inconsciente coletivo gaúcho”. Diante disso, essas peculiaridades do Rio Grande do Sul contribuem para a construção de uma força “quase mítica” que se projeta até nossos dias. No entanto, a cultura e seus discursos de violência adquiridos, inconscientemente, através das gerações podem ser repensados de forma a se discutir características de violência.

Para Muller (2007), o homem visto como ser racional possui a faculdade de se libertar dos condicionamentos e dos confinamentos da cultura para que, a partir disso, possa construir seu pensamento moral e filosófico. Entretanto, como separar o legado histórico da identidade regional do gaúcho, sendo que sua constituição é de luta por espaços e fronteiras, eivados de conflitos políticos e econômicos?

A faculdade de se libertar trazida por Muller, também é apresentada por Oliven, conforme vimos:

Os rio-grandenses consideram-se brasileiros por opção e gostam de frisar sua individualidade em relação ao resto do Brasil. Na construção social de sua identidade eles usam elementos fazendo referência a um passado glorioso dominado pela figura do gaúcho, palavra que inicialmente designava o vagabundo, o ladrão de gado, mais tarde, o peão da estância e guerreiro sempre associado à figura do cavaleiro, e que atualmente é o patronímico para o habitante do estado do Rio Grande do Sul. (OLIVEN, 2006, p. 10).

Por esse viés histórico, o gaúcho se dedicou a cultivar o Rio Grande do Sul. A consciência de mesma construção moral é facultada às gerações seguintes. Os primeiros gaúchos se constituíram de forma violenta em uma época de antagonismos e rebeldia, porém, as gerações futuras possuem a escolha de modificar essa visão cultural, que há muito se perpetuou.

O gaúcho aprendeu a reverenciar o Rio Grande do Sul por prezar “o respeito às tradições, os grupos folclóricos, as danças e roupas típicas. Nas escolas, é ensinado o respeito ao território, sua história e tradições, sendo muito comum ver o gaúcho usando bombachas, sua indumentária típica, não somente em datas comemorativas, mas também

em seu dia a dia.” (LUVIZOTTO, 2009, p. 28). Nesses processos de educação e promoção da consciência, os mesmos valores nem sempre são diretos, mas implicitamente negociados.

Na região de fronteira, a lida no campo permite que o gaúcho se conecte com suas tradições, sendo frequente o uso da indumentária típica, o que favorece o trabalho. A história manifesta o orgulho de ser do gaúcho. Em relação aos conflitos, o ensinamento de que o gaúcho é “aguerrido e bravo¹⁰” (FONTOURA, 1933), representa uma tradição discursiva que não reservou espaço de debate sobre a violência.

Muller explica que o princípio e discussão sobre a não-violência poderia ser aplicado na história se todos os homens fossem capazes de discernimento justo e já tivessem decidido livremente a renunciá-la. Diferentemente do que ocorreu com a cultura gaúcha, onde a tradição é representada e ensinada com orgulho, a discussão sobre a não-violência não se efetivou, e o tema foi marginalizado, a ponto de sequer ser discutido. O autor refere que a “violência apenas existe e atua por intermédio do homem; o homem é sempre responsável pela violência” (MULLER, 2007, p. 30).

Os tradicionalistas gaúchos seriam os primeiros e mais antigos atores do gauchismo e são descritos por Oliven (2006), como um movimento organizado e atento ao respeito dos bens simbólicos do estado. “Eles demarcam os “verdadeiros” valores gaúchos” e a necessidade de guardar a tradição como forma de preservar a identidade cultural do estado. O autor refere que até existe uma necessidade de definir o que é “certo ou errado do autêntico e do espúrio”, no entanto, observa-se “uma grande dificuldade em definir e distinguir termos como tradição, folclore, regionalismo, nativismo, cultura gaúcha, etc.” (OLIVEN, 2006, p. 167).

Rosenberg (2006, p. 260) relata que “existe uma tendência em registrar o que está dando errado, não o que está dando certo”. Esse monopólio firmado acerca da tradição gaúcha não auxilia na implementação de formas de comunicação não-violenta. Acontece que a partir do momento em que vamos modificando velhos padrões de defesa ou ataque, diante de julgamentos e críticas, mudamos o enfoque de nossas relações, assim, a resistência, a postura defensiva e as reações violentas são minimizadas (ROSENBERG, 2006).

¹⁰ De acordo com Oliven (2006) as peculiaridades do Rio Grande do Sul são evidenciadas de forma simbólica na bandeira do estado, que é formada por três faixas coloridas (verde, amarela separadas por uma faixa vermelha), no centro a faixa vermelha simboliza a Revolução Farroupilha e a independência do Rio Grande do Sul por certo tempo do Brasil.

Em virtude dos fatos mencionados, tem-se que a cultura do gaúcho é fechada, única, construída por discursos violentos de submissão, vaidade e apego às tradições, e que não reservou espaço considerável a discutir a violência de forma a atingir consciência sobre a violência. A CNV proposta por Rosenberg (2006) propõe o condicionamento cultural no sentido de contribuir para evitar uma comunicação alienante que dicotomiza e classifica a pessoa.

Entretanto, não existe fórmula para estabelecer a CNV em uma cultura fechada, como nessa constituída pelo gaúcho do pampa. O que pode ocorrer é a construção de uma consciência acerca da violência, para que ela não seja marginalizada e, ao mesmo tempo, que seja reservado um espaço para a discussão sobre a não-violência, afinal, o rompimento da cultura da violência depende do rompimento da própria cultura. O que é um processo lento e requer novas formas de comunicação e sociabilidade.

Analisar a sociedade sob a perspectiva cultural, enquanto um conjunto discursivo de todas as coisas as quais fazemos, ainda é um exercício a ser aprimorado. Compreendemos que no processo comunicacional a teia cultural que é construída entre os homens em sociedade se estabelece a partir das formações discursivas e pela forma como as elaboramos. As práticas articulatórias constroem “(pre)conceitos”, equívocos sobre determinado assunto e criam caminhos a fim de estabelecer possíveis pontes para as relações em comum com o outro, além das diferenças. A partir dessa compreensão, em busca de uma sociedade (plural) mais respeitosa e tolerante, pela empatia, devemos implicar no outro uma ação e valorização mútua. Desafiamos a compreender que a comunicação é a arte de interpretar o outro, de sermos sensíveis aos sentimentos, a cultura e às formas de enunciar.

Considerações Finais

A pertinência deste estudo concentra apreender habilidades enquanto sujeitos comunicadores que, muitas vezes, vivem e veneram culturas paralelas aos discursos do mundo contemporâneo e às instituições, e que muito podem contribuir para o desenvolvimento da sociedade. Isso se deve à possibilidade de ampliação e articulação dos movimentos sociais e políticos, numa tendência à homogeneização, mas que parte de variedades híbridas ou simbólicas, conforme reforça Stuart Hall (2006).

Analisamos o paradigma da CNV na perspectiva da identidade e aspectos da cultura do gaúcho do pampa e o discurso que domina aspectos da violência reservados a esse grupo. A partir de conhecimentos que visam alcançar entendimento sobre a cultura do gaúcho do pampa e considerando as questões de conflito, violência, identidade social, política, cultural, teoria da comunicação e CNV, buscou-se, pela revisão bibliográfica e desde percepções empíricas de experiências vividas, aprimorar e construir um pensamento de modo a tratar o assunto com cientificidade.

Observou-se com o estudo que a cultura gaúcha prioriza a tradição, passada de geração em geração. Essa tradição é marcada através de conflitos por território e articulação econômica, sua herança genética e cultural nos remete à tradição e cultura popularmente difundida, como as práticas comunicativas resistentes na região do pampa e sua implicação de forma inconsciente ao estabelecimento do paradigma da comunicação não-violenta.

Segundo a análise da violência, através dos estudos de Muller (2006) e Rosenberg (2006), nota-se uma determinada condição intrínseca para a elaboração de um discurso sobre a não-violência como fonte de uma construção da consciência para uma sociedade mais justa e empática, ou seja, a comunicação de forma não violenta deve partir da conscientização de que determinada cultura é violenta.

Por todo o exposto, podemos afirmar que a cultura gaúcha é mais excludente do que inclusiva, no sentido de que existe um apego e orgulho à tradição o que impede a existência e abertura de espaço a essa consciência e conseqüentemente a essa discussão. Além disso, é necessário referir que a inconsciência sobre discursos implementados no pampa gaúcho dizem respeito à constituição histórica baseada em conflitos que se resolviam na força, tradicionalmente.

Essa conexão ao passado acaba não reservando espaço à análise de discursos desencadeadores de violência, realizando uma negação a esse assunto. Todavia, esse é um caminho de autoconhecimento cultural que não se esgota aqui. Com certo fôlego é possível implementar a comunicação a partir do paradigma da não-violência, paralelo ao pensamento de que existem posições diferenciais e momentos oportunos para desenvolver a consciência de que a violência é um tema que deve ser discutido.

Tratamos de um tema difícil, complexo, e que exige conhecimento e esforço como um exercício para se reaprender a comunicar. Todo processo de articulação é tenso e ainda precário, frente aos desafios apresentados, porém, há possibilidade de compreender que os

antagonismos fazem parte de nosso mundo em diversos e múltiplos aspectos. Conseguir entender o que o outro de fato precisa exige uma dedicação maior dos sujeitos, em especial, para uma CNV que mexe com as estruturas e novas possibilidades para que as relações sociais e comunicacionais ocorram de forma menos violenta que na tradição. Nesse amplo universo, podemos construir um mundo próspero, mas precisamos ser competentes para articulá-lo junto com os outros.

Referências

BAQUERO, Marcello; PRÁ, Jussara Reis. **A democracia brasileira e a cultura política no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

CARBONAI, Davide. VALENÇA, Fernanda Mattos de Lima. **Cultura Política no Pampa**. Revista: Perspectivas em Políticas Públicas. Belo Horizonte, v. VIII; n.º 15, p.25-39, jan./jun., 2015. Disponível em: <http://livrozilla.com/doc/1197841/cultura-pol%C3%ADtica-no-pampa-davide-carbonai-e> Acesso em: 08 set. 2019.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; DA SILVA, R. **Metodologia Científica**. 6ª ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. 2ª ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 1985.

DERRIDA, J.; ROUDINESCO, E. **De que amanhã: Diálogo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

FONTOURA, Francisco Pinto da. **Hino Rio-Grandense**. 1966. Disponível em: < <http://www.mtg.org.br/historiadores/257> > Acesso em: 08 set. 2019.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Hall Stuart; tradução Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LARAIA, R. B. **Cultura, um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LACLAU, Ernesto. **New Reflections on the resolution of our time**. Londres: Verso, 1990.

LUVIZOTTO, CK. **Cultura gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 93 p. ISBN 978-85-7983-008-2. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 09 set. 2019.

MARTINS, T. C. **Vida de gaúcho campeiro: cultura regional, mídia e desenvolvimento**. Paco Editorial: Jundiaí: São Paulo, 2011.

MOUFFE, C. **Hegemonia e estratégia socialista: por uma política democrática radical**. São Paulo: Intermeios; Brasília: CNPq, 2015.

MULLER, Jean-Marie. **O princípio da não-violência**. Tradução de Inês Polegato. São Paulo: Palas Athena, 2007.

OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação**. 2 Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

PICCIN, Marcos Botton. **Os Senhores da Terra e da Guerra no Rio Grande do Sul: um estudo sobre as práticas de reprodução social do patronato rural estancieiro**. Tese (doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, 2012.

ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais**. (tradução Mário Vilela). São Paulo: Ágora, 2006.

RÜDIGER, Francisco. **As teorias da comunicação**. Porto Alegre: Penso, 2011.

SILVEIRA, D. T. (org.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.